



Trabalhar, cuidar e não adoecer: as jornalistas na pandemia de Covid-19

Janaína Visibeli Barros¹

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Naiana Rodrigues da Silva²

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Daniela Ferreira de Oliveira³

Universidade de São Paulo (USP)

Rafael Grohmann⁴

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Resumo: O artigo analisa as condições de trabalho das jornalistas durante a pandemia de Covid-19 com base na intersecção conceitual entre trabalho, gênero e tecnologias, considerando como o processo de plataformização intensifica o trabalho e como a convergência entre os trabalhos produtivo e reprodutivo no mesmo espaço desencadeia opressões de gênero. A metodologia envolve questionário aplicado entre 05 e 30 de abril no âmbito da pesquisa “Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?”, do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho. Os resultados indicam que entre as 198 jornalistas, 80% adotaram o trabalho remoto, tiveram que adequar a casa às lógicas do trabalho produtivo e se desgastaram com a intensificação do trabalho, com as cobranças por produtividade e disponibilidade.

Palavras-chave: gênero; jornalista; pandemia; plataformização; trabalho.

¹ Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP). Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Estudos das Poéticas do Cotidiano (EPCO-UEMG). E-mail: jvisibeli@gmail.com

² Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP) e do grupo Práxis no Jornalismo (Praxisjor-UFC). E-mail: naianarodrigues@gmail.com

³ Doutoranda em Ciências da Comunicação na Escolas de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP). E-mail: danifeoli@gmail.com

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Editor da newsletter DigiLabour. Pesquisador do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP). E-mail: rafael-ng@uol.com.br

1. Introdução

A pandemia da Covid-19 instaurou-se no mundo causando solavancos não apenas nas áreas sanitária e de saúde. Os estragos provocados pelo microorganismo atingem o corpo humano e o corpo social em suas mais diferentes dimensões. O mundo do trabalho é uma dessas instâncias que adoeceu pelo atenuamento de estados dolorosos já vivenciados em decorrência de fenômenos oriundo de lógicas e práticas naturalizadas e controladas pelo capital como a plataformização do trabalho (GROHMANN, 2020), a informalidade, o desemprego estrutural e o trabalho intermitente (ANTUNES, 2020). Medidas profiláticas como o isolamento social e o *lockdown* do comércio afetaram diretamente o mundo do trabalho, desencadeando a adoção do trabalho remoto por muitos trabalhadores com vínculos estáveis ou não, como foi o caso dos jornalistas. Entre 05 e 30 de abril, o Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT/USP) realizou a pesquisa intitulada “Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?” para conhecer as condições de trabalho dos comunicadores durante o período pandêmico. De caráter exploratório, ela foi conduzida a partir de uma amostra não-probabilística obtida pela aplicação de questionário online.

Foram recebidas 557 respostas de comunicadores provenientes de 24 estados do Brasil e de Portugal. Os jornalistas apresentaram-se como a maioria dos investigados, compondo 61,2% da amostra (FÍGARO et al, 2020) e, do total de participantes, 334 identificam-se com nomes femininos. Destas, 198 são jornalistas, o que corrobora a feminização do trabalho no jornalismo observadas por Fígaro (2018), Lelo (2019) e Mick e Lima (2013). Este artigo tem por objetivo analisar as condições de trabalho das jornalistas durante a pandemia de Covid-19 - a partir dos dados coletados pela pesquisa realizada pelo CPCT - com base na intersecção conceitual entre trabalho, gênero e tecnologias.

O contexto é de que a pandemia acentuou e acelerou a plataformização do trabalho (GROHMANN, 2020), entendida como a crescente dependência de plataformas digitais para conseguir ou se manter em uma atividade de trabalho. Para quem adotou o trabalho remoto, isso significa depender, na maioria das vezes, das proprietárias de infraestruturas digitais, ou seja, do “Império da Nuvem” (COULDRY;

MEJIAS, 2020) - com suas lógicas e materialidades, inclusive de dados e vigilância (SADOWSKI, 2020).

A reorganização dos espaços e tempos de trabalho durante a pandemia significa reconfigurar as plataformas como meios de produção e comunicação (WILLIAMS, 2011) - com a plataformização do trabalho jornalístico (VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018; MARQUES, 2019). Essa reorganização no trabalho remoto envolve a responsabilização individual dos trabalhadores por todos os custos do trabalho - desde os equipamentos até a energia elétrica - em uma aceleração da gestão neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016). Em pesquisa realizada com profissionais de todas as áreas que adotaram trabalho remoto no estado de São Paulo, Carramenha e Cappellano (2020) mostram que os trabalhadores que afirmam estar sofrendo mais no período da pandemia são os das áreas de comunicação e educação. A pesquisa também aponta para a intensificação do trabalho e a eliminação do tempo morto - preenchido com mais trabalho.

Em suma, a pandemia reconfigura os territórios da casa e das plataformas em relação ao mundo do trabalho, borrando de vez as fronteiras entre espaços de trabalho e espaço de lazer e tempos de trabalho e não trabalho. Isso não significa que a tecnologia por si só seja a responsável pela aceleração temporal, mas, como mostra Wajcman (2017) ao tratar as tecnologias como práticas sociomateriais, trata-se da circulação de sentidos valorizando produtividade e negócios que afetam e, ao mesmo tempo, são afetados pelas materialidades tecnológicas. Em texto posterior, Wajcman (2019) mostra como a construção de calendários digitais por engenheiros do Vale do Silício e suas concepções de tempo são moldadas por marcadores de classe, raça e gênero e se generalizam por toda a sociedade. Compreender as materialidades tecnológicas como não neutras significa também analisar que as lógicas neoliberais e de gênero estão inscritas em seus desenhos e arquiteturas (COSTANZA-CHOCK, 2020).

Isso envolve também pensar as relações e reorganizações de trabalho produtivo e reprodutivo. Para as mulheres, a adoção do trabalho remoto e do isolamento social têm consequências particulares, pois elas viram aumentar as responsabilidades quanto à gestão do espaço e dos afazeres domésticos (FEDERICI, 2019), fazendo coincidir e colidir as lógicas do trabalho profissional com os cuidados de familiares e com as

tarefas do ambiente privado, instâncias que historicamente se alternam na opressão e emancipação das mulheres (FRASER, 2019). Isto é, a pandemia intensificou a plataformização do trabalho e está repercutindo diretamente na organização das mulheres como trabalhadoras remuneradas, mães e cuidadoras. Desta forma, as relações de gênero moldam as atividades de trabalho de jornalistas durante a pandemia.

2. Um olhar de gênero para o trabalho

Seja no jornalismo ou em outras áreas profissionais, a prevalência numérica das mulheres nos postos de trabalho é acompanhada por um debate intenso em torno das desigualdades que as circundam. Hirata e Kergoat (2007) observam que a divisão sexual do trabalho se erige sob a prioridade do homem na esfera produtiva e a relegação da mulher ao espaço do trabalho reprodutivo, favorecendo ao homem - mesmo quando ocupa funções de trabalho desvalorizadas - uma posição social de maior visibilidade. Forjada sobre os valores de uma sociedade patriarcal, a divisão sexual do trabalho se complexifica à medida em que as mulheres passam a realizar também trabalho produtivo e que outras desigualdades sociais se apresentam como sobrepeso na balança do mundo do trabalho. Biroli (2018, p. 36) mostra a complexidade da questão ao expor que “a divisão sexual do trabalho produz o gênero, de fato, mas essa produção se dá na convergência entre gênero, classe, raça e nacionalidade, para incluir na discussão variáveis implicadas diretamente nas relações de trabalho”.

Apesar de a divisão sexual do trabalho ser histórica, o que Hirata e Kergoat (2007) consideram como imanente a esse construto é a distância entre os gêneros, que ora se encurtam ora se alargam a depender dos movimentos no mundo do trabalho. Se pensarmos que essa mobilidade encontra com as demais variáveis sociais citadas por Biroli (2018), temos a ampliação das cisões tanto entre os gêneros como dentro do próprio terreno do feminino no mundo do trabalho, marcando as desigualdades entre as mulheres brancas e pretas; do hemisfério Norte e do hemisfério Sul; periféricas e burguesas; entre trabalhadoras produtivas e trabalhadoras domésticas, etc.

Nesse sentido, olhar para a questão de gênero no mundo do trabalho não implica apenas perceber as diferenças entre as condições produtivas de homens e mulheres. Esse

foco estrito pautou as primeiras ondas do feminismo, como relembra Nancy Fraser (2019), pois, no capitalismo organizado pelo Estado, o trabalhador ideal era o homem pertencente à maioria étnica, chefe da casa e da família. Ou seja, a mulher, para o sistema produtivo, era uma força de trabalho inferior, da qual ele se apropriou de forma que as relações de poder na sociedade fossem mantidas. Essa visão política do capitalismo é denominada pelo feminismo de androcentrismo e converte-se em um dos eixos da naturalização das relações de autoridade entre homens e mulheres, na qual elas são subordinadas sob uma justificativa biológica que as determina a funções sociais específicas, como o trabalho reprodutivo e o cuidado de crianças e idosos.

São vários os modeladores do argumento de autoridade masculina sobre as mulheres, dentre os quais tem-se a própria divisão sexual do trabalho, que se torna uma estrutura incisiva no desenho das relações entre os gêneros, ditando qual o lugar das mulheres nas esferas pública e privada (BIROLI, 2018). Contudo, esse argumento de autoridade também se imbrica no discurso de exploração das mulheres pelas próprias mulheres, forçando assim a percepção da interseccionalidade nas relações dentro do gênero no mundo do trabalho. Pensando sob essa perspectiva, Biroli (2018) identifica como as estruturas operam na produção de privilégios e opressões, relacionando essa dinâmica à democracia e constatando que aqueles (ou aquelas) posicionados no polo dos privilégios têm presença marcante na política institucional e mais chances de influenciar o cenário político, enquanto os relegados ao polo da opressão e da desvantagem têm menos possibilidades de exercer a política institucional. Neste último grupo, encontram-se, sobretudo, mulheres pretas, pobres e imigrantes.

A proibição ou menosprezo da presença da mulher nos espaços políticos se deve a um ideal de feminino reservado ao privado, à casa, aos limites da vida doméstica. Daí porque a reivindicação de feministas como Silvia Federici (2019) de que o Estado pague um salário às trabalhadoras reprodutivas significa mais que um complemento de renda para a mulher, e sim uma mudança estrutural para o gênero e para a sociedade. Uma vez que para a autora,

O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração. Por sua vez, a condição não remunerada do trabalho doméstico tem sido a arma mais poderosa no fortalecimento do

.....

senso comum de que o trabalho doméstico não é trabalho, impedindo assim que as mulheres lutem contra ele. (FEDERICI, 2019, p. 43).

A sombra da predestinação da mulher ao trabalho que assegura a reprodução do capital por meio dos cuidados e reprodução da força de trabalho (FEDERICI, 2019) não se desvanece quando elas adentram o mundo do trabalho produtivo. Na verdade, a “vocação” para o trabalho doméstico ao ser conjugada com outra atividade de trabalho remunerada tornou as mulheres, aos olhos do capital, exemplos de trabalhadores polivalentes, pois conciliam diferentes atividades e múltiplas jornadas de trabalho, atualizando assim a exploração capitalista e intensificando ainda mais as desigualdades de gênero (ANTUNES, 2018).

Só desatam o nó das duplas e triplas jornadas de trabalho aquelas mulheres produtivas que têm o privilégio de terceirizar o trabalho doméstico, podendo assim investir em suas carreiras, mesmo que o custo disso seja a exploração do trabalho de outras mulheres (que pode ser remunerado, quando se trata de uma diarista ou empregada doméstica, ou não remunerado, em se tratando de outra mulher da família). O fato é que o trabalho doméstico continua sendo inferiorizado mais do que valorizado e, se depender do capital, sua invisibilidade só aumentará com a gradativa expansão do fenômeno do “trabalho domiciliar”, que consiste na ida do trabalho remunerado para a casa sob a promessa de que as mulheres podem conciliar as atividades remuneradas com os cuidados da família. Porém sob o ônus da redução dos salários, da informalidade e da diminuição da capacidade de organização política (FEDERICI, 2019).

O fenômeno de migração do trabalho remunerado para o espaço doméstico ganhou impulso durante a pandemia, com a adoção, às pressas e sem planejamento, do *home office* como medida de prevenção à infecção pelo coronavírus. Para as jornalistas, em particular, a conciliação das jornadas de trabalho em um mesmo espaço e o uso das tecnologias para se comunicar e trabalhar provocou mudanças significativas em suas rotinas e intensificou desigualdades de gênero que já pairavam sobre o mundo do trabalho do jornalismo.

Pesquisas sobre gênero no trabalho de jornalistas no Brasil - como as de Veiga (2014), Pontes (2017), Kikuti e Rocha (2018) e Rocha e Santiago (2019) - têm mostrado como as desigualdades de gênero estruturam o trabalho jornalístico no país, ao mesmo

tempo em que, conforme Fígaro (2018), as lutas das mulheres jornalistas são centrais para a organização coletiva de trabalhadores ao longo da História. Lelo (2019) classifica quatro vetores de expressão das desigualdades de gênero no jornalismo: divisão sexual do trabalho, cultura organizacional, cultura profissional e rotinas produtivas. É impossível separar todas essas dimensões, pois estão interligadas, mas podemos dizer que o trabalho das jornalistas, durante a pandemia, apresenta mudanças principalmente nas ordens da divisão sexual do trabalho e das rotinas produtivas.

3. O trabalho das jornalistas durante a pandemia

De acordo com a pesquisa sobre o perfil dos jornalistas no Brasil, realizada por Mick e Lima (2013), 63,7% dos profissionais jornalistas são mulheres. Elas vivenciam a intensificação do trabalho por parte das organizações enxutas, que buscam profissionais multiplataformas e polivalentes (FIGARO, NONATO; GROHMANN, 2013). Na última década, a diminuição de postos de trabalho e as demissões massivas contribuíram para aumentar a pressão sobre os que se mantêm no mercado formal de trabalho, além de mobilizar cada vez mais jornalistas para outras atividades de comunicação. Sobre as mulheres, além da pressão em relação ao contexto histórico da profissão, ainda pesa o mito da maternidade como uma ameaça constante de demissão. Durante a pandemia, em razão do contexto de isolamento social, da necessidade de combater a doença e manter o trabalho, as jornalistas vivenciaram o aumento da intensificação de seu trabalho e do estresse, como mostram os dados extraídos da pesquisa “Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?”.

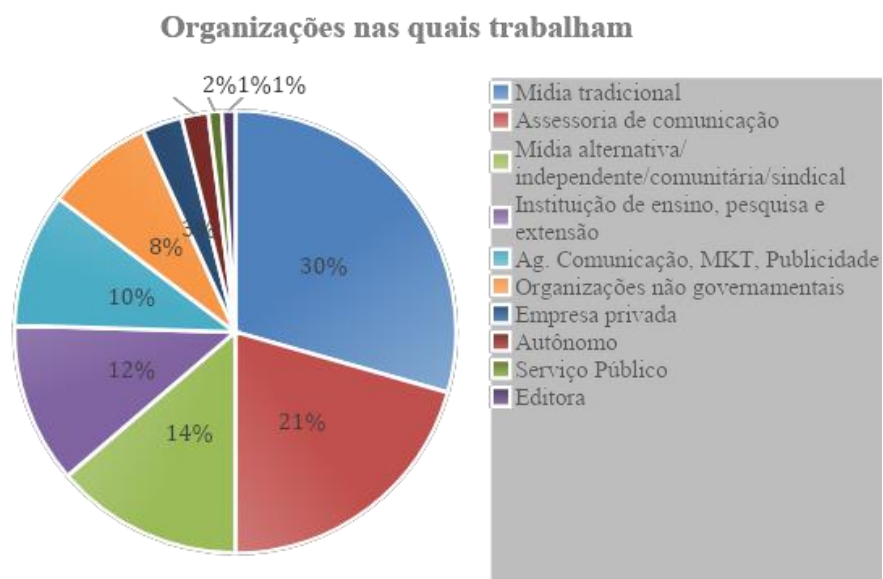
A pesquisa foi realizada por meio de questionário com perguntas de múltipla escolha e questões abertas para respostas discursivas, no formulário da plataforma Google. As perguntas abordaram o perfil dos respondentes (nome, idade, estado civil, filhos, local de moradia, escolaridade); dados profissionais (profissão, cargo/função, empresa, vínculo contratual); condições do exercício profissional (tipo de veículo/linguagens do trabalho, equipamentos, principais atividades, carga horária) e condições de trabalho na pandemia (carga horária, providências da empresa, organização da rotina de trabalho, como está se sentindo, principais medos e

depoimento). A amostra não-probabilística foi construída a partir de respondentes voluntários que tiveram acesso ao formulário por meio do site e das redes sociais do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho – CPCT/ECA-USP – e das instituições que apoiaram a pesquisa (FÍGARO, 2020).

Dentre as 198 mulheres jornalistas, 80% estavam trabalhando em *home office*, 10% em jornada mista e 10% continuavam indo para o espaço físico da organização. A maior parte delas, 68 respondentes, são do estado de São Paulo – condizente com a concentração das empresas da indústria da comunicação no país. Outros destaques são Ceará, com 17 respondentes, Rio Grande do Sul, com 14 respondentes e Minas Gerais, com 11 respondentes. Da amostra de mulheres, 82% das jornalistas têm entre 20 e 49 anos, 53% são solteiras e 45% são mães. Quanto à escolaridade, 77% têm graduação completa, 12% têm pós-graduação, 10% são mestras e 2% são doutoras.

A formação profissional predominante é o curso de Bacharel em Jornalismo (70%), seguido de Comunicação Social (5%) e Jornalismo e outra graduação (4%). Essa variedade evidencia que o trabalho na comunicação é permeado por outras áreas de conhecimento e abarca múltiplos perfis profissionais (FÍGARO, 2020), fazendo com que as jornalistas possam atuar em diferentes tipos de organizações.

Gráfico 01



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19? Filtro: Mulheres Jornalistas



No Brasil, diferente de outros países em que há regulamentação da atuação do jornalista, não há uma definição legal de quais são as atividades desse profissional. O tema tem sido objeto de interesse de diferentes pesquisadores, como mostra Moliani (2020), e mais do que uma atividade com prescrições produtivas definidas, o “ser jornalista” é uma demarcação territorial. Ela se justifica ora pela formação profissional, ora pela atividade exercida – seja em veículos de notícias ou não. Em razão disso foi que as participantes docentes se identificaram como jornalistas em suas respostas.

Ao analisarmos as atividades profissionais realizadas pelas respondentes, como se vê no Quadro 01, é possível observar que as responsabilidades das jornalistas extrapolam o que seriam as atividades específicas do profissional de jornalismo, considerando as competências indicadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Jornalismo no Brasil.

Quadro 01

| Profissão | Onde Trabalha | Cargo/Função | Principais Atividades |
|------------------|---|---------------------------------|--|
| Jornalista | Assessoria de comunicação | Analista de SEO e redes sociais | Otimizar o SEO de notícias, apresentar relatórios semanais sobre o desempenho do site e eventualmente planejar posts para as redes sociais |
| Jornalista | Mídia tradicional | Apresentadora | Produção, gravação e/ou apresentação ao vivo (pelas redes sociais) de programa de entrevistas em vídeo na TV Web do portal, com publicação também em canal do youtube. |
| Jornalista | Mídia alternativa/independente/comunitária/sindical | Repórter | Produção de reportagens |
| Jornalista | Agência de Comunicação, Marketing e Publicidade | Atendimento | Gestão diária da conta em parceria com os demais atendimentos, bem como desenvolvimento de pautas/briefings e aprovação junto ao cliente. Análise/aprovação interna de: planos de comunicação, mídia, peças gráficas e eletrônicas, ações pontuais, campanhas, materiais de PDV, sinalização, mídia exterior, comunicação online (estratégia e conteúdo) |
| Jornalista | Empresa privada | Documentadora/redatora | Escrevo artigos para abastecer nossa Central de Ajuda ao Usuário |

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
 3 a 6 de Novembro de 2020



| | | | |
|------------|--|--------------------------|---|
| Jornalista | Instituição de ensino, pesquisa e extensão | Professora | Ensino e Pesquisa |
| Jornalista | Editora | Editora | Oficialmente, era editora dos cursos digitais produzidos pela instituição, focado em conteúdo técnico para a área da saúde. Com o início da pandemia, passei a produzir e editar conteúdo sobre a Covid-19, focado em informar os profissionais da saúde. |
| Jornalista | Organizações não governamentais | Assessora de comunicação | Gerenciamento de redes sociais, redação de textos, release, planejamento e execução de campanhas de marketing, clipping, cobertura de eventos |

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19? Filtro: Mulheres

Trabalhar remotamente alterou, significativamente, o processo produtivo e o cotidiano dessas profissionais. Em muitos casos, houve a necessidade de se fazer investimentos nos recursos de trabalho, já que 64% das jornalistas disseram estar utilizando seus próprios meios para trabalhar. Das 198 respondentes, apenas 5% trabalharam exclusivamente com recursos da organização e 32% afirmam mesclar recursos da empresa com seus próprios meios de trabalho. Além disso, a gestão do espaço da casa teve que ser reorganizada para acolher as atividades de trabalho, sobrepondo territórios em um mesmo espaço físico e, muitas vezes, no mesmo intervalo de tempo. Isso implicou na negociação do espaço e até mesmo dos meios de trabalho com outros integrantes da família, que também passaram a fazer *home office*.

Quando se trata das formas de organização do trabalho, 88% das respondentes informam que há grupos no Whatsapp para sua realização. Apesar do aplicativo ser o meio mais utilizado pelas jornalistas, elas recorrem também ao e-mail, a softwares da própria empresa, a aplicativos do tipo Trello, ao Telegram e ao Facebook Messenger. Interessante notar que a pandemia acentua o fato de que não apenas a comunicação, mas a gestão do trabalho também passa a ser realizada por meio das plataformas. Isso reforça o processo de plataformação do trabalho e a dependência de infraestruturas digitais de propriedade dos grandes conglomerados tecnológicos. O trabalho é organizado a partir das lógicas e gramaticalidades de plataformas digitais como o WhatsApp - inclusive com mecanismos de coleta e extração de dados, que é uma característica central das plataformas (SADOWSKI 2020).

Para 89% das jornalistas, a pandemia não trouxe modificações nas relações trabalhistas e 1% aponta que já estava desempregada ou em licença saúde quando a crise sanitária teve início. Para 4% das participantes, houve redução de contratos e/ou salários e 6% foram demitidas. Entretanto, a mudança na carga horária de trabalho foi sentida por 63% das jornalistas. Dessas, 92 respondentes apontam que houve um aumento médio na carga horária de três horas de trabalho diário.

4. Os dilemas de trabalhar e cuidar

A restrição a aglomerações impediu os encontros e complexificou, ainda mais, o trabalho dos jornalistas. Muitos reclamam da demora para realizar a apuração, do aumento das informações que precisam ser checadas, do retrabalho e da desatualização dos equipamentos que passaram a usar (FÍGARO, 2020). Para as mulheres jornalistas, além desses dramas, o acúmulo das atividades domésticas contribuiu para aumentar a jornada de trabalho e a sensação de cansaço. As jornalistas que não puderam fazer *home office*, ou estão em jornada mista, também tiveram alterações em suas rotinas. Há novos protocolos e procedimentos de segurança que solicitam atenção e tensionam também o trabalho delas.

Para as 159 jornalistas que disseram trabalhar em *home office*, no espaço e tempo da casa, é preciso dividir a atenção com as atividades domésticas, o cuidado com outros familiares e o trabalho profissional. Essa gestão contribuiu para intensificar o ritmo de trabalho, tanto que 75% delas afirmam que o ritmo de trabalho aumentou.

Gráfico 02



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19? Filtro: Mulheres Jornalistas em *Home Office*

Quando as mulheres asseguram que o ritmo de trabalho está um pouco mais pesado e muito mais pesado, evidenciam as consequências do embaralhamento entre os territórios do trabalho remunerado e do trabalho reprodutivo que, ao convergirem para um mesmo espaço, sobrecarregam as mulheres também responsáveis pelas tarefas domésticas. Afinal, as mesmas medidas profiláticas que confinaram as jornalistas em casa também as forçaram a dispensar as domésticas e diaristas que as auxiliavam. A perda desse privilégio também contribuiu para a sobrecarga de atividades, as quais se expandiram ainda para o acompanhamento dos filhos durante as aulas on-line, visível no aumento do ritmo de trabalho das jornalistas mães (45% do total da amostra).

Gráfico 03



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19? Filtro: Mulheres Jornalistas em *Home Office* que têm filhos



Além da necessidade de reorganização do espaço da casa para a realização do trabalho remoto, da adaptação às novas formas de produção e gestão do trabalho, assim como dos desafios da comunicação digital (que solicitou atualização das competências das profissionais), as jornalistas mães precisam trabalhar junto aos seus filhos. Trabalhar e cuidar no mesmo espaço temporal força a mulher a se dividir entre atividades que lhe requerem atenção integral e agudiza as desigualdades de gênero, principalmente, quando a mulher é a única responsável pelas ações de cuidado. A sobreposição das atividades dificulta ainda a concentração das jornalistas que se desdobram para fazer bem seu trabalho profissional e o de cuidar.

O Quadro 02, com depoimentos de algumas das respondentes, revela os dramas vivenciados por elas.

Quadro 02

| Onde você trabalha? | O que mudou em sua rotina de trabalho por conta da pandemia da Covid-19? |
|---|--|
| Assessoria de comunicação | Como trabalho muito com eventos, perdi trabalhos, tive que reduzir custos, passei a trabalhar hoje office para ficar com meu filho e passei a administrar crises de algumas empresas |
| Mídia alternativa/independente/comunitária/sindical | Mudança para o trabalho remoto, trabalho em horários alternativos por conta do cuidado com minha filha e rotina de casa |
| Mídia tradicional | Precisei trabalhar de casa e, conseqüentemente, mudar programação com meu filho, horários, adequar espaço de trabalho, tornando a rotina mais exaustiva. |
| Instituição de ensino, pesquisa e extensão | Por conta da pandemia, começamos a fazer o trabalho remotamente. Como trabalho com produção de vídeos, foi preciso organizar alguns processos para garantir uma qualidade mínima na captação do material, como imagens e entrevistas. Além disso, o home office se tornou muito desafiador com a presença dos filhos em casa. |
| Serviço público | Pedi afastamento, para licença-prêmio. Tenho mãe idosa, de 81 anos e filho de 4 anos com histórico de doença bronco-pulmonar severa/crônica. Intensifiquei o trabalho por telefone, whatsapp e e-mail. |
| Agência de Comunicação, Marketing e Publicidade | Na maior parte do tempo eu já fazia home office - o que mudou foi o volume de trabalho doméstico pois tenho uma filha que não está indo pra escola e estou tendo que acompanhá-la nas aulas online. Além disso também mudou a rotina em casa pois não se pode sair aos finais de semana, nem durante a semana, então há a sensação de não existir um tempo de descanso por conta disso. Mesmo que a gente tente descansar ficando dentro de casa a gente acaba |

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
 3 a 6 de Novembro de 2020



| | |
|---------------------------|---|
| | usando o tempo pra resolver tarefas domésticas. Em relação ao trabalho de comunicação em si mudou porque bate a exaustão do trabalho doméstico então acabo fazendo as coisas com uma velocidade mais lenta. |
| Assessoria de comunicação | Tudo. Trabalho em casa, no projeto[da organização], além de assessorar uma entidade médico científica. Meu filho de 4 anos fica em casa. Ele tem síndrome de down e está sem fazer as terapias, então faço fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional aqui em casa para que ele não tenha uma involução. Meu esposo está trabalhando também em casa nesse período. Ou seja, temos nos revezado para cuidar de casa, criança, ler os textos e etc. |
| Assessoria de comunicação | Tive que organizar um estúdio improvisado no meu apartamento, que é pequeno, e negociar espaço e silêncio com meu filho de 14 anos |
| Assessoria de comunicação | Tudo mudou. Além de trabalhar em casa, passo muito mais tempo trabalhando, sou contratada para trabalhar 4 horas e acabo trabalhando muito mais que isso. As demandas chegam via celular ou e-mail o que me OBRIGA a ficar online quase o dia todo, coisa que eu não fazia antes, inclusive, coisa que repudio, pois não acho saudável ficar com o celular na mão o tempo todo. Além disso, me divido entre o trabalho profissional e o trabalho doméstico, entre uma linha e outra, uma atualização e outra, cuidado da casa, da filha e lavo compras e uso álcool em gel, num processo "in"CANSÁVEL!! |

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19? Filtro: Mulheres Jornalistas em *Home Office* que têm filhos.

Como é possível observar nos relatos em destaque, foram muitos os dramas vivenciados pelas jornalistas. Há quem teve que repor perdas resultantes da redução da jornada de trabalho formal que realiza, assumindo novos trabalhos durante a pandemia. Outras tiveram que reorganizar o tempo de trabalho criando “horários alternativos”, flexibilizando o espaço da casa e negociando momentos de silêncio para gerir as atividades profissionais e o cuidado com os filhos.

É importante destacar que poucas mulheres mencionaram o auxílio dos companheiros ou de outro ente da família com as atividades do lar, o que denota a imposição do trabalho doméstico e de cuidados para a mulher, reforçando assim a naturalização de uma condição de desigualdade de gênero (FEDERICI, 2019) a qual somou-se à opressão do próprio capital a partir da cobrança por produtividade e de

disponibilidade para o trabalho remunerado a qualquer hora. Espera-se assim que as trabalhadoras condicionem-se a um estado de ubiquidade semelhante ao dos dispositivos tecnológicos e exerçam a polivalência com maestria.

A preocupação em conseguir manter a qualidade do material produzido, mesmo sem os recursos necessários também está presente nos depoimentos. Muitas profissionais se queixaram da dificuldade de conseguir acesso ao banco de dados das empresas porque elas não possuem segurança que permita o acesso remoto ao seu servidor. Esse tipo de restrição aumentou o tempo gasto na realização das atividades e o retrabalho, porque não havia como armazenar dados nos equipamentos próprios que serviriam para a produção de conteúdos futuros.

A fala da profissional da Agência de Comunicação, Marketing e Publicidade, destaca outro aspecto relevante do trabalho em *home office*: a otimização do tempo morto. Nas condições impostas pela pandemia, o tempo morto gasto com deslocamentos, ou mesmo o tempo usado para o lazer fora de casa, desapareceu e foi tomado pelo tempo produtivo, seja com as atividades profissionais, seja com o trabalho doméstico. O aumento do tempo em que as profissionais precisam ficar *on line* aparece nas falas em um duplo movimento: manifesta o incômodo com a extensão do tempo dedicado ao trabalho profissional, mas também o incômodo em relação ao exemplo que se dá aos filhos.

Esse tema está expresso na fala da assessora, quando ela diz ser uma “coisa que repudio, pois não acho saudável”. Para as mães que tentam educar os filhos além das telas, permanecer atenta ao celular negociando com os filhos sua atenção, coloca em crise valores, pressupostos e construções sobre as escolhas quanto ao estilo de vida que elas gostariam de construir com eles. Estar o tempo todo disponível para o trabalho e olhando sempre para as telas dos dispositivos retira das mães o tempo de brincar e conversar e demarca a onipresença das plataformas digitais no cotidiano.

Além do desgaste com o trabalho e das perdas do tempo de convivência com a família, as mulheres ainda lidaram com o medo de se contaminar e contaminar os que estão ao seu redor e com o temor do desemprego, pois mesmo que o trabalho esteja sendo fonte de cansaço e de sofrimento, ele ainda é um alicerce de segurança no



presente e para o futuro incerto que o fim da pandemia reserva a todos os trabalhadores.

5. Considerações finais

Os resultados da pesquisa “Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?” revelam a dependência de plataformas digitais de propriedade dos grandes conglomerados tecnológicos para a organização do trabalho, combinando as lógicas e gramaticalidades das plataformas com mecanismos de extração de dados. A reorganização do trabalho a partir dessas plataformas como meios de produção e comunicação auxiliaram na intensificação das atividades de trabalho, com aceleração do tempo de trabalho e a rasura cada vez maior de fronteiras entre tempo-espço de trabalho e de não trabalho.

Isso revela a adequação das lógicas de trabalho remoto a um movimento histórico por parte do capital envolvendo as relações entre neoliberalismo, financeirização e plataformização. A aceleração do tempo de trabalho e a contínua pressão por produtividade no trabalho plataformizado em meio às múltiplas demandas em contexto de pandemia revelam o gênero do capitalismo virótico (ANTUNES, 2020).

Além disso, a adoção do trabalho remoto fez com que as trabalhadoras se sentissem pressionadas a serem “produtivas”, “incansáveis” e a assumir o papel de cuidadoras da casa, dos filhos e de outros familiares, submetendo-se, muitas vezes, a uma condição de opressão do feminino legitimada historicamente pela divisão sexual do trabalho. A pesquisa empírica empreendida com as jornalistas sobre suas atividades de trabalho no contexto da pandemia evidencia que o trabalho feminino na área de jornalismo soma o trabalho reprodutivo histórico com o trabalho plataformizado sustentando e alimentando o mundo do trabalho em jornalismo no país, em linha com estudos feministas marxistas sobre trabalho digital (LUKÁCS, 2020).

Referências

ANTUNES, R. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BIROLI, F. **Gênero e desigualdade**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- CARRAMENHA, B.; CAPPELLANO, T. **Trabalho remoto e isolamento social**. São Paulo: 4CO, 2020.
- COSTANZA-CHOCK, S. **Design Justice**. Massachusetts: MIT Press, 2020.
- COULDRY, N.; MEJIAS, U. **The Costs of Connection**. Stanford: SUP, 2019.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FEDERICI, S. **O Ponto Zero da Revolução**. São Paulo: Elefante, 2019.
- FIGARO, R (org.). **Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?** São Paulo: ECA/USP, 2020.
- FIGARO, R. et al. Como trabalham os comunicadores na pandemia do Covid-19? **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, v. 3, 3 jul. 2020.
- FIGARO, R. O mundo do trabalho das jornalistas: feminismo e discriminação profissional. In **Brazilian Journalism Research (BJR)**, v. 14, n.º 2, 2018.
- FÍGARO, R; NONATO, C; GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas**. São Paulo: Atlas, 2013.
- FRASER, N. Feminismo, capitalismo e astúcia da história. In HOLLANDA, H B de (org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- GROHMANN, R. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. **Eptic**. V. 22, n. 1, 2020.
- KIKUTI, A.; ROCHA, P. M. Mercado de trabalho e trajetória profissional de jornalistas mulheres entre 2012 e 2017 no Brasil. **Anais do SBPJor**. São Paulo: FIAM-FAAM, 2018.
- LELO, T. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. **Estudos Feministas**. V. 27, n. 2, 2019.
- LUKÁCS, G. **Invisibility by Design: Women and Labor in Japan's Digital Economy**. Durham: DUP, 2020.
- MARQUES, A. F. **A redação virtual e as rotinas produtivas nos novos arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. Dissertação (Mestrado – Ciências da Comunicação). São Paulo: ECA-USP, 2019. Orientadora: Roseli Fígaro.
- MICK, J., LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2013.

MOLIANI, J. A. **O trabalho em agência de comunicação: processos produtivos e densificação da atividade no jornalismo de rabo preso com o cliente.** São Paulo: ECA/USP, 2020. Tese.

PONTES, F. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. **E-Compós**. V. 20, n. 1, 2017.

ROCHA, P. M; SANTIAGO, A. As assimetrias de gênero no mercado de trabalho em jornalismo. **Novos Olhares**. V. 8, n. 2, 2019.

SADOWSKI, J. The Internet of landlords: digital platforms and new mechanisms of rentier capitalism. **Antipode**. Online first, 2020.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The Platform Society**. Nova York: Oxford University Press, 2018.

VEIGA, M. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias.** Florianópolis: Insular, 2014.

WAJCMAN, J. **Esclavos del tiempo: vidas aceleradas en la era del capitalismo digital.** Barcelona, Paidós, 2017.

_____. How Silicon Valley Sets Time. **New Media & Society**, v. 21, n. 6, 2019.

WILLIAMS, R. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Unesp, 2011.